

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. [Tradução de Antonio Negrini; direção da coleção de Fanny Abramovich]. São Paulo: Summus, 1982. (Novas buscas em comunicação; v. 11).

Leonarley Rodrigo Silva Barbosa*

A imaginação da criança, estimulada a inventar palavras, aplicará seus instrumentos sobre todos os traços da experiência, que provocarão sua intervenção criativa. (RODARI, 1982, p. 163).

O que aconteceria se as frutas andassem de bicicleta? Como seria a fábula de “Os três porquinhos” se incluísse a palavra “WhatsApp”? Usando o prefixo “des” na palavra “andar”, como produzir um texto com a palavra “desandar”? Estas questões foram desenvolvidas em sala de aula com o objetivo de produzir textos criativos. São algumas das técnicas que Rodari propõe para a exploração da imaginação e criatividade que passam pela linguagem escrita e oral.

Gianni Rodari foi educador, escritor, jornalista e poeta italiano. Nasceu na Itália em 1920 e faleceu em 1980. Foi reconhecido como o maior autor infantil italiano, várias de suas obras já são consideradas como clássicos da literatura infantil, inclusive foi ganhador do prêmio Hans Christian Andersen em 1970, considerado o Nobel da literatura infantil. Participou da Resistência Italiana na Segunda Guerra Mundial, bem como participou de um movimento de renovação da literatura infantil na década de 1960. Suas obras têm como essência as fábulas voltadas para o público infantil. São vastas as suas produções, mas limitemos em uma de suas obras: *Gramática da fantasia*.

Neste livro, Rodari propõe técnicas de invenção, ou seja, são atividades que o escritor, ao longo de muitos anos, aplicou em crianças para que desse lugar à imaginação e criatividade. São mais de quarenta propostas que passam

* Mestrando em Ensino na Educação Básica pelo Cepae/UFG. Especialista em Educação para a Diversidade e Cidadania pela Faculdade de Direito/UFG e Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação/UFG. Professor da Rede Municipal de Educação de Goiânia-GO. E-mail: leonarleyrodrigo@hotmail.com.

pela linguagem oral e escrita. São bastante interessantes, simples e podem ser aplicadas na sala de aula de forma agradável e instigante.

Escrita por Ruth Rocha, a “Apresentação à edição brasileira”, destaca as técnicas como “amostras de riqueza, da criatividade, da fantasia de Gianni Rodari” (p. 07). Explana que tais atividades vão além do contato afetivo com a criança, por exemplo, dizem respeito ao desenvolvimento da linguagem, da lógica, da estética, da liberação da criatividade, da imaginação e da fantasia; que a criatividade é uma característica do homem e que a falta de estímulos em ambientes faz que a criatividade seja manifestada em algumas poucas pessoas. Sobre o conceito de criatividade, Rodari (p. 164) explica:

“Criatividade” é sinônimo de “pensamento divergente”, isto é, de capacidade de romper continuamente os esquemas da experiência. É “criativa” uma mente que trabalha, que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde os outros encontram respostas satisfatórias (na comodidade das situações onde se deve farejar o perigo), que é capaz de juízos autônomos e independentes (do pai, do professor e da sociedade), que recusa o codificado, que remanuseia objetos e conceitos sem se deixar inibir pelo conformismo. Todas essas qualidades manifestam-se no processo criativo.

Para que possamos apostar em sujeitos com pensamentos divergentes, faz-se necessário que proporcionemos aos nossos alunos experiências de criatividade. Assim, não teremos pessoas passivas diante da sociedade, que somente recebem informações e acatam o que vier. É preciso, no mínimo, refletir sobre os fatos, expor suas ideias, criticar o que está diante dele. Mas para isso é necessário desde a tenra idade explorar os vários tipos de linguagem no sujeito para que se torne um ser criativo.

Em cada capítulo deste livro é sugerido uma atividade criativa. No capítulo 2, por exemplo, que tem por título “A pedra no pântano”, Rodari propõe uma atividade que chama “tema fantástico” que consiste em criar, a partir de uma só palavra, frases criativas com sentido. Para isso é preciso escrever as letras uma sobre as outras e ao lado de cada letra escrever palavras que formem uma frase com sentido ou *nonsense*. O autor dá o exemplo da palavra “pedra” e frases criativas surgem como:

“P – pequenos
E – elefantes
D – dormiam

R – roncando
A – alto”. (p. 14).

Em outro capítulo chamado “O que aconteceria se”, Rodari chama a atividade de “hipóteses fantásticas”. Sua forma precisa do início “O que aconteceria se...” Para formular a hipótese escolhe ao acaso um sujeito e um verbo. A sua união fornecerá a hipótese sobre qual se deve trabalhar. Esta atividade foi trabalhada e as questões que aparecem em seu livro são: “O que aconteceria se a cidade de Reggio Emília voasse? O que aconteceria se de repente Milão fosse cercada pelo mar?” (p. 28). A partir da pergunta elaborada ao acaso, as crianças podem produzir seus textos ou contar suas histórias criativas oralmente.

Em “O prefixo arbitrário” o autor indica o uso de um prefixo em uma palavra para produzir um texto criativo. Ele sugere que se faça no quadro uma coluna de prefixos e outra de substantivos e conjugue-os por meio de sorteio para realizar a atividade.

Basta um “des” para transformar um “canivete” – objeto cotidiano e negligenciável, porém perigoso e agressivo – em um “descanivete”, objeto fantástico e pacifista, que não serviria para fazer a ponta de lápis, mas que, quem sabe, ajudaria a fazê-la crescer de novo, contra a vontade dos donos das papelarias e contra a ideologia do consumo. Isso sem se falar nas alusões de conotação sexual, bastante ocultas, mas nem por isso menos perceptíveis (sob o nível da consciência) às crianças. O mesmo prefixo me dá o “descabide”, isto é, o contrário do “cabide”: não serve para pendurar roupas, mas sim para dependurá-las quando precisamos delas, em um lugar de vitrines sem vidros e cofres sem segredos. Do prefixo à utopia. (p.33).

E assim são os demais capítulos, um livro para apostar que a imaginação tem seu lugar, seja nos espaços escolares, seja em casa com a família, enfim, em qualquer lugar que se possa estimular.

No capítulo 44, “Imaginação, criatividade, escola”, Gianni Rodari discorre sobre a importância de incentivar o pensamento livre de significados, a criatividade e a imaginação. Ele expõe que “não é, portanto, de admirar que a *imaginação* nas nossas escolas ainda seja tratada como parente pobre, em desvantagem com a *atenção* e com a *memória*” (p. 160).

Infelizmente é o que acontece na sala de aula. Não temos espaços para que os alunos possam imaginar. São cobrados a ficar em silêncio, prestar atenção no que se diz e memorizar as informações repassadas.

O autor também explica que a brincadeira ou o jogo “não é uma simples recordação de impressões vividas; mas uma reelaboração criativa delas, um processo pelo qual a criança combina entre si os dados da experiência no sentido de construir uma nova realidade, correspondente às suas curiosidades e necessidades” (p. 162 e 163).

Ele sugere que as crianças cresçam em ambientes que proporcionem estímulos e impulsos em todas as direções a fim de nutrir a imaginação e que atividades sejam adequadas para que tenham possibilidades de imaginar.

Com essas atividades propostas em *Gramática da fantasia* a criança experimenta o uso das palavras, não preocupado com seus sentidos e significados. Na sala de aula, exploramos e estimulamos pouco a imaginação. Estamos sempre focados nos ensinamentos tradicionais, usando a linguagem somente para ensinar as estruturas menores da língua. A linguagem vai muito além das propostas apresentadas em atividades elaboradas na maioria dos livros didáticos. É preciso que nossas aulas sejam contextualizadas e favoreçam momentos de criatividade e imaginação. O livro *Gramática da fantasia* possibilita esses momentos, com o intuito de que nossos alunos se tornem sujeitos ativos, críticos em uma sociedade que tem as mídias, por exemplo, como manipuladoras de pensamento, que somente o apresentado por elas é fato verídico, o sujeito nem sequer tem o direito de pensar. Como já dizia Rodari:

Se uma sociedade baseada no mito da produtividade (e na realidade do lucro) precisa de homens pela metade – fiéis executores, diligentes reprodutores, dóceis instrumentos sem vontade própria – é sinal de que está malfeita, é sinal de que é preciso mudá-la. Para mudá-la, são necessários homens criativos, que saibam usar a sua imaginação. (p. 163).

Se instigarmos nossas crianças ao livre pensamento a partir da imaginação, usando a linguagem como algo constituinte do sujeito, teremos uma sociedade mais humana, que pensa, elabora e reelabora os seus conceitos, bem como pessoas que refletem sobre o meio em que vivem.

Rodari permite que a linguagem seja algo transformador e que a criança aja sobre ela para escrever ou inventar histórias. É algo que a criança já sabe fazer, pois ela experimenta em suas vivências o mundo da linguagem.

Ele reconhece e valoriza a ação dos infantes, enfim, permite que eles sejam crianças. Nós, como educadores, precisamos permitir que, nos momentos de produção de texto, por exemplo, nossos alunos sejam eles mesmos. Isso vale não somente para a disciplina de Língua Portuguesa, mas também para as demais disciplinas que compõem o currículo, uma vez que elas trabalham diversos tipos de linguagem.

Infelizmente, ficamos tão fechados aos conteúdos dos livros didáticos que acabamos não explorando as potencialidades que os alunos têm. Estamos simplesmente podando o que a criança tem de valor: a imaginação. E por que não aproveitá-la em nossas aulas de forma que os conteúdos curriculares sejam mais prazerosos e instigantes? Os livros didáticos fazem que os professores fiquem naquele mundinho de textos só para explicar a gramática normativa, identificar personagens e o que eles fazem.

Não podemos permitir que a imaginação e a criatividade sejam suprimidas. Se estivermos fazendo isso, somos responsáveis por pessoas que não criam, não expressam, não se posicionam. A criatividade, como disse anteriormente, é de todos, não é só do artista, do poeta, do músico. Que tal repensarmos nossas aulas dentro da sala com os nossos alunos?

Rodari diz que a função criativa da imaginação é importantíssima para as descobertas científicas assim como para as obras de arte, e que a imaginação é necessária para a vida cotidiana. O autor ainda diz que o livro *Gramática da fantasia* é uma “proposta para ser colocada ao lado de tantas outras que procuram enriquecer com estímulos o ambiente (casa ou escola, não importa) em que crescem as crianças” (p. 163).

Concordo com Rodari, precisamos mudar a sociedade que nos rodeia e podemos fazer isso se despertarmos nos sujeitos a criatividade. “Muitíssimo obrigado: “procuram-se pessoas criativas” para que o mundo permaneça como tal. Não senhor: desenvolvamos, ao contrário, a criatividade de todos, para mudar o mundo” (p. 164).

O professor deve promover a criatividade e não ser um mero informante sobre o que tem escrito nas linhas dos livros didáticos. A sua função vai muito além de transmitir informação e trabalhar gramática. Concordo com Rodari quando ele fala do papel do professor. Ele deve

transformar-se em um “animador”. Em um promotor da criatividade. Não é mais ele que transmite um saber pronto, em bocados diários, um domador de potros, um amestrador de focas. É um adulto em meio à criança, pronto a exprimir o melhor de si mesmo, a desenvolver em si

mesmo os hábitos da criação, da imaginação, do empenho construtivo em uma série de atividades que são enfim consideradas semelhantes: a produção pictórica, plástica, dramática, musical, afetiva, moral (valores, normas de convivência), cognoscitiva (científica, linguística, sociológica), técnico-construtiva, lúdica, “nenhuma das quais deve ser tomada como entretenimento ou distração em confronto com outras consideradas dignas.” (p. 166 e 167).

Nas páginas finais do livro, Rodari reforça que é preciso uma boa dose de imaginação para ver a escola diferente do que vemos no cotidiano. É necessário acreditar que o mundo pode tornar-se mais humano e para isso é preciso imaginação.

Para finalizar, acredito que esta discussão não se encerra por aqui. Precisamos discutir entre os nossos pares para que haja uma transformação dos processos de ensino e uso da linguagem nos espaços educacionais, de maneira que transforme o sujeito para que seja criativo, que exercite a imaginação para que possamos ter no futuro sujeitos livres, capazes de transformar o meio em que vivem, de forma autônoma.

A proposta de resenhar *Gramática da fantasia* não foi somente para apresentá-la como proposta de atividades para sala de aula. Este livro faz repensar nossas atitudes, se realmente estamos proporcionando experiências criativas em nossos alunos ou não, bem como repensar as atividades que propomos. Que possamos sair do comodismo dos livros didáticos, proporcionando aos nossos alunos um modo criativo e imaginário de ver e analisar o mundo. Que os profissionais da educação, ou não, possam refletir sobre suas ações nos espaços onde a criança vive, sobre imaginação, criação, experiências e sujeitos autônomos.